

1

Nem toda a gente acredita na monogamia, mas toda a gente vive como se acreditasse. Todos temos consciência de mentir ou de querer dizer a verdade quando está em causa a lealdade ou a fidelidade. Todos nos consideramos ou traidores ou traídos. Todos sentimos ciúme ou culpa, sofrendo as respectivas aflições. E os poucos afortunados que aparentemente nunca passaram pela experiência do ciúme sexual reagem a isso ou com perplexidade ou com bazófia. Ninguém foi excluído da experiência de se sentir excluído. E todos ficamos obcecados por aquilo de que fomos excluídos. Por outras palavras, acreditar na monogamia não é muito diferente de acreditar em Deus.

2

A partir do momento em que conhecemos as regras do jogo, podemos pensar na performance, já não temos de nos preocupar com o próprio jogo. Há coisas que tomamos por adquiridas para que possamos tomar outras por outra coisa qualquer.

A infidelidade é um problema porque damos a monogamia por adquirida e tratamo-la como se fosse a norma. Talvez devêssemos dar a infidelidade por adquirida e assumi-la sem maiores preocupações. Poderíamos então conseguir pensar na monogamia.

3

Profundamente comprometidos com a busca de uma vida melhor, tanto o promíscuo como o monógamo são idealistas. Ambos se deixam perturbar pela esperança, veneram o renascer da confiança, impressionados pelos seus prazeres. Devíamos evitar a precipitação de os opor um ao outro. No seu melhor, são ambos inimigos do cinismo. Os cínicos é que são desanimadores, porque com eles o desapontamento vem antes do resto.

4

A infidelidade tem tanto a ver com o drama de contar a verdade como com o drama da sexualidade. É apenas por causa da sexualidade que pensamos na verdade e acabamos por deparar com a honestidade em conflito com a bondade.

A mentira bem sucedida cria uma liberdade desanimadora. Mostra-nos que ninguém consegue saber o que andamos a fazer. A mentira esfarrapada — o desejo de ser descoberto — revela o medo do que podemos fazer com as palavras. Mentir, por outras palavras, não é tanto um meio de manter as opções em aberto como de descobrir quais são essas opções. O medo da infidelidade é o medo da linguagem.

5

O acasalamento é uma arte performativa. Mas como é que aprendemos o que fazer em comum? Como havemos de ser, outra vez, dois corpos em público, consistentemente juntos, guardiães do pudor um do outro, seguros do nosso papel? Onde se vai buscar essa atitude?

É nisto que os casais bonitos nos animam e até inspiram. Abordados — como frequentemente são — por causa da beleza, podemos intentar brevemente ser como eles, despudorados, sem nada a esconder. A boa aparência, afinal, é o nosso melhor antidepressivo cultural. Mantém o espectáculo a rodar.

6

No próprio começo da vida, a sobrevivência envolve-nos em algo semelhante à monogamia. O crescimento envolve-nos em algo semelhante à infidelidade (contestamos os nossos pais, traímos-los, desiludimo-los). Por isso, quando pensamos na monogamia, é como se ainda fôssemos crianças e não já adultos também. Não sabemos o que pensam os adultos acerca da monogamia.

7

Esforçamo-nos bastante para manter na cabeça dos outros certas versões de nós mesmos; e esforçamo-nos, é claro, para afastar dela as versões menos atraentes. E no entanto, todos aqueles que conhecemos nos inventam, quer gostemos quer não. De facto, nada nos convence melhor da existência das outras pessoas e de quão diferentes são de nós do que aquilo que conseguem fazer com o que lhes dizemos. As nossas histórias tornam-se frequentemente irreconhecíveis à medida que circulam de boca em boca.

Ser desfigurado é simplesmente ser apresentado através de uma versão — uma invenção — com que não podemos concordar. Mas é desencorajador o modo como os outros nos inventam. Andamos em frenesi a tentar reduzir o número de pessoas diferentes que cada um parece ser, e a procurar manter em circulação a verdadeira história de quem realmente somos. Talvez seja isto, mais do que qualquer outra coisa, que nos empurra para os braços dum parceiro especial. A monogamia é uma maneira de cada um reduzir ao mínimo as versões de si mesmo. E, é claro, uma maneira de cada um se convencer de que algumas versões são mais verdadeiras do que outras — de que algumas são *especiais*.

8

A única tradição que podemos experimentar é o momento presente. E no entanto gastamos a maior parte das nossas vidas ansiosamente esperançosos de que mudaremos — no prazer da expectativa de certas coisas — e ao mesmo tempo fazendo tudo o que podemos para que tal não aconteça. É por isso que só estamos realmente descontraídos, propriamente à vontade, em períodos de transição: quando podemos deixar que o tempo entre em cena.

Infidelidade é a outra palavra para a mudança, a única mudança, entre as que podemos conhecer, que é mudança de crença. Crescemos ao sermos desleais a nós próprios.

9

Os pais são aqueles a quem é mais difícil ser infiel. É o que faz da monogamia — da nossa capacidade de encontrar outro casal — um feito tão extraordinário. Ou apenas mais do mesmo.

10

Como um íman que atrai vícios e virtudes, a monogamia, tal como antes a religião, torna reais as mais amplas abstrações. Fé, esperança, confiança, moralidade tornaram-se agora assuntos domésticos. De facto, a monogamia é a nossa religião secular e por isso a opomos, não à bigamia ou à poligamia, mas à infidelidade. Deus pode ter morrido, mas o casal com fé cumpre a sua obrigação.

11

Se o proibido é que é excitante — se o desejo é fundamentalmente transgressivo —, então os monógamos são como os muito ricos: têm de encontrar a própria pobreza. Têm de passar fome. Por outras palavras, têm de trabalhar, nem que seja para que o demasiado disponível se mantenha suficientemente ilícito para ser interessante.

Infelizmente, é mais fácil forjar obstáculos — simular o proibido — do que forjar o desejo.

12

Indo para velhos juntos ou indo para novos juntos? Há sempre qualquer coisa a que resistir, qualquer coisa a desafiar.

13

Somos inevitavelmente fiéis ao cadáver que cresce dentro de nós. É o que faz da infidelidade um enigma tão irresistível e pode fazer com que a monogamia se pareça com a morte.